

ou voltar a página do jornal quando se sente ameaçado de tomar conhecimento de alguma arenga patriótica ou moralista — desculpem, se logo éle, na falta de algum educador, ou de algum sacerdote, ou de algum senhor humanitário ou senhora espiritualista — se logo éle vem lembrar que, além de "salvar a cara", deveríamos também fazer alguma coisa para salvar a alma.

Não é pelos equatorianos que peço. E' pelas crianças e moços do Brasil. E' pela criminoso frieza com que os responsáveis por éles — os que têm prestigio e ascendência moral e sentimental sobre éles — estão perdendo esta oportunidade de lhes ensinar que não se deve permitir que um povo irmão sofra sem fazer alguma coisa a favor dêle. Que a América do Sul é um amontoado de povos que são todos mais ou menos a mesma coisa, com as mesmas esperanças e tristezas e problemas e tolices — e que todo o povo da América do Sul e do mundo é gente como nós, é povo como somos, e os povos precisam se ajudar e se socorrer; que o que ainda pode dar alguma esperança a esta porcaria de humanidade é um sentimento e um gesto de irmão, ao menos por um instante, ao menos quando a terra se fende e engole uma parte desta raça animal em algum trecho desta bola de lama!

Nossa frieza não faz mal ao Equador. E' a nós, à nossa mocidade que ela faz horripelmente mal.

Não culpamos a juventude nem o homem do povo por essa fria e cruel indiferença. Culpamos os seus mestres, pastores, mentores, chefes, senhores, líderes, ídolos e amos — os proprietários de sua alma, os latifundiários de seu sentimento, os segadores de sua safra, os tosadores de sua lã, os ordenhadores de suas tetas, os donos de sua vida. Esses estão mudos, imóveis, frios; ou talvez muito ocupados em pregar suas doutrinas e seus belos princípios, lendo o Sermão da Montanha, ou a história do menino holandês que botou um dedinho na rachadura do muro, ou o que foi que Maria Antonieta disse quando o carrasco passou a mão pela sua nuca, ou a tragédia do peixinho que morreu afogado, e que aliás é de veras impressionante. E como falam alto, seus ouvintes certamente não podem ouvir os gemidos dos soterrados, nem o fragor dos desabamentos, nem o grito de desespero animal das mulheres que perderam seus filhos, nem o murmúrio das orações dos que pedem socorro, dos que pedem pelo menos um olhar, uma palavra de amigo. Que se danem! Porque nós já estamos danados — em nossa frieza, em nossa aridez, em nosso desprêzo.

13.8.49